

Para almirante, maior problema é corrupção

RIO
AGÊNCIA ESTADO

"O maior problema do Brasil é a corrupção" — garantiu ontem o almirante Júlio de Sá Bierrenbach, em entrevista exclusiva a **O Estado**. Fiel aos princípios da Revolução de 64, o almirante disse que não viu o fim da corrupção, que pensou representar 50% dos problemas daquele período. Na verdade, disse ter observado que 90% dos problemas vinham da corrupção e somente 10% de questões ideológicas.

"Eu continuo fiel aos princípios da revolução de março — frisou —, e entrei no movimento revolucionário pensando que a problemática se dividia em 50% de problemas de corrupção e 50% de questões envolvendo o comunismo. Mas constatei que 90% constituía problemas de corrupção e 10% problemas ideológicos". Para ele, "lamentavelmente, a corrupção não foi afastada da vida do País".

O almirante reconheceu "que o tema é perigoso, ainda que seja necessário ser analisado realisticamente", e admitiu que suas palavras poderiam ser mal usadas, com o propósito de atingí-lo e até de considerá-lo esquerdistas, tal como já aconteceu com outros militares que reconheceram que o problema moral do País é mais grave do que o ideológico, ainda que tenham admitido, como o almirante, os conflitos causados por este nas décadas de 60 e 70. O almirante Bierrenbach disse ainda que "o problema da corrupção se manteve no mesmo grau, se é que não cresceu, enquanto o problema ideológico ficou estacionário". Ele preferia que o índice de corrupção tivesse sido reduzido, "pelo menos em escala razoável".

Ao examinar o problema da corrupção, o almirante admitiu também que se trata de uma questão que pode contribuir para os problemas ideológicos, porque, segundo ele, o corrupto é capaz de vender até a sua pátria. "O que se pode esperar de um corrupto?", indagou o almirante Bierrenbach, ressaltando que "o corrupto compra, vende, negocia, vale tudo com ele, pode colocar o País em perigo e é sempre um elemento a quem não se pode dar crédito, porque nunca se sabe bem para onde ele quer ir".

O almirante Bierrenbach disse ainda que a "Nação não comportaria uma nova quebra da normalidade político-institucional e, portanto, os princípios constitucionais, assim como as decisões do Congresso não

devem sofrer pressões, mas serem respeitados". O almirante afirmou que "o País não pode mais ver as crises políticas transformadas em crise político-militares", e destacou: "Nós já estamos muito fundo na situação econômico-financeira, e temos de sair deste buraco. Eu espero que haja juízo e esforço comum, e que o País possa sair desta situação triste em que se encontra. Os verdadeiros militares, cumpridores de seus deveres, o militar da caserna, o militar do navio e o militar do avião, estes já foram suficientemente usados pelo problema político, e não admitem movimentos espúrios".

RESPEITO À CARTA MAGNA

O Almirante enfatizou que "o vice-presidente da República, Aureliano Chaves, deve assumir a Presidência em qualquer eventualidade prevista na Constituição, em viagem ou em caso de doença do presidente da República, que ninguém deve desejar".

Mais antigo almirante-de-esquadra em serviço, Bierrenbach, que é presidente do Superior Tribunal Militar, disse que tem o cuidado de não transformar suas opiniões pessoais em posições da Justiça Militar brasileira, que para ele deve ser independente, e acrescentou:

"Precisamos lembrar-nos que o senhor Aureliano Chaves foi eleito da mesma forma que o presidente da República, pelo antigo partido que apoiava o governo. Se nós tolerarmos o senhor João Goulart, quando da renúncia do senhor Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961, que naquela ocasião, já não se tinha dúvida de que 80 ou 90% das Forças Armadas não o toleravam, agora, mais do que nunca, devemos e temos de respeitar a Constituição".

CONGRESSO

O almirante defendeu o respeito às decisões do Congresso, "que é a expressão da vontade popular, e deve ser considerado por se constituir em um poder independente nas democracias, e não deve sofrer pressões nos momentos em que examina as mais diversas questões de interesse nacional". Ele lembrou que já em 1977 fez a previsão de que, em 1985, se fecharia o ciclo do movimento revolucionário de 64, com a eleição de um presidente civil, que refletisse os anseios da consolidação da normalidade democrática, e contasse com o respaldo da opinião pública.

Hélio Contreiras



Bierrenbach pede respeito às decisões do Congresso

Arquivo